

## EDUCAÇÃO



ECO-ESCOLAS

# ALUNOS APRENDEM «A SALVAR O NOSSO FUTURO»

TEXTO E FOTOS | MARCO ANTÔNIO

**Mais de 1900 escolas estão inscritas no programa Eco-Escolas, de educação ambiental para a sustentabilidade. A FAMÍLIA CRISTÃ mostra-lhe como funciona o projeto há quase 25 anos em Portugal.**



**A**mbas usam óculos, mas praticamente nada mais há em comum entre a Iara e a Carolina. Perdão. O detalhe dos óculos, mas também o facto de estarem juntas a plantar alfaces. «Vou seguir jardinagem e agricultura. Sou ligada com a natureza», diz a Carolina, de 16 anos, que já tem planos muito bem definidos. Decidida, quer ir viver para o Alto Alentejo – de onde a família é originária – e ter «uma quinta, com muita pecuária e agricultura, ter um pouco de tudo». Já a Iara, de 15 anos, sorri tímida antes de confessar: «Também sou ligada à natureza... mas estou mais para ser escritora.»

Para colheita futura, na terra de um dos canteiros da horta (cinco canteiros de três metros quadrados cada), as jovens plantam pequenos rebentos de alface de folha lisa verde e alface de folha frisada roxa. Noutros canteiros já crescem couves, rúcula, coentros, brócolos e favas. Iara e Carolina mostram à-vontade com o processo: furar a terra, plantar o rebento, aconchegar-lhe a raiz com a terra onde a alface vai – espera-se – vingar saudável. Técnicas que estão a aprender no Curso de Educação e Formação (CEF) de Operadores de Jardinagem lecionado na Escola Básica (EB) Alto dos Moinhos, na Terrugem (Sintra), um estabelecimento de ensino de 2.º e 3.º ciclos que integra a rede do programa Eco-Escolas. Razão, aliás, para a existência em plena escola desta horta cuidada em parceria, tanto pelos alunos deste curso como pelos alunos que dinamizam

as atividades do Eco-Escolas. Benedita Loureiro, diretora de turma do CEF de Operadores de Jardinagem, diz que a parceria se estende «a várias atividades ao longo do ano – semanalmente – no sentido de melhorar todos os espaços exteriores, mantê-los mais limpos, ao mesmo tempo que aprendem a plantar, produzir, tanto produtos hortícolas como flores e até árvores».

### O entusiasmo pelas aulas

A aula exterior do dia em que decorre a reportagem continua com outro grupo do CEF a aprender como se constrói um compostor para fazer vermicompostagem. Outro grupo de alunos – estes, sim, a desenvolver uma iniciativa do programa Eco-Escolas (denominados eco-estudantes) – instala casas-ninhos para que os pássaros que sobrevoam o local possam fazer da escola a sua casa quando os movimentos migratórios os trazem para a região. Nuno Jaques, o professor de Ciências que vai no segundo ano de participação no programa nesta escola, diz que por ali podem ser vistos chapins, piscos-de-peito-ruivo, alvéolas e toutinegras, entre outros. Sim, esta atividade do programa Eco-Escolas visa não só dar condições às aves para nidificarem em segurança, como identificar a biodiversidade observável na área ocupada pela escola. Antes de «perder algum tempo a apreciar esta biodiversidade», diz o docente, «parece-nos que são

**José Archer, presidente da ABAE, diz que «até agora tivemos mais de 20 mil escolas a participar».**

«só uns pardais que andam por aí, não é? Mas depois [os alunos] começam a descobrir e entusiasma-se. Daí que eu traga uns binóculos, um guia...» E após ações como esta, garante Nuno Jaques, os alunos tornam-se mais atentos e interessados nas aulas de Ciências.

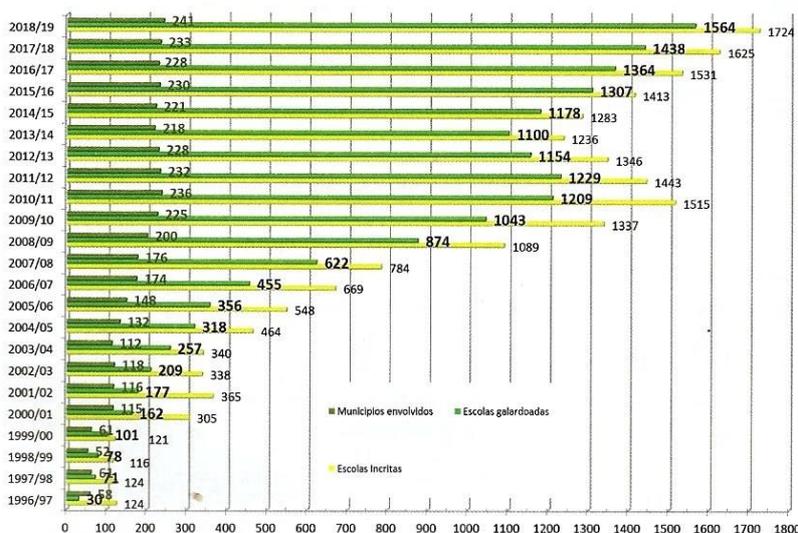
A implementação do programa nas escolas pressupõe a realização de atividades extraletivas levadas a cabo pelos eco-estudantes com o objetivo de sensibilizar a restante comunidade escolar e, sempre que possível, uma interação com os planos curriculares, ou seja, incluindo temas relacionados com a defesa do ambiente nas aulas em que o programa letivo assim permita.

No dia da reportagem, são sobretudo alunos do 7.º ano os que participam nas atividades extraletivas. A Íris, a Inês e a Diana contabilizam as rolhas de cortiça recolhidas no eco-ponto onde alunos, professores e funcionários podem também deixar tinteiros, pilhas, tampas e escovas de dentes para reciclar. A Maria e o Rafael estão a

desenhar o que será parte de uma história a publicar pela escola e que apelará à consciência ambiental dos leitores. Foi também com essa intenção que foi feito o painel alusivo ao Dia Nacional do Mar (16 de novembro) de 2019 mostrado pela Mara e o Francisco – o painel mostra a espuma de uma onda sobre a areia, mas também detritos recolhidos precisamente nos areais das praias mais próximas. Mas é o André, de 12 anos, quem faz de porta-voz. «O Eco-Escolas é muito bom, porque consegue passar a mensagem às pessoas. Elas não sabem o que é que se passa! Aham que podem comprar as palhinhas todas e deitar para o lixo, que podem desperdiçar água... Não!»

E é esse o objetivo da implementação do programa Eco-Escolas: formar para a cidadania. No caso da EB Alto dos Moinhos, a entrada no programa já aconteceu há 20 anos e há dez que a coordenação recai em Maria da Conceição Marques. «Com a visibilidade que procurei dar aqui na escola, começaram a perguntar: mas o que é isto? Os alunos foram-se

ECO-ESCOLAS - EVOLUÇÃO



Evolução em Portugal

**2019**  
**1724** escolas inscritas  
 em **241** municípios  
**1564** escolas galardoadas  
 em **228** municípios

**Concretização de 90,7%**



envolvendo e cada vez mais se nota o envolvimento da comunidade; os pais, a junta de freguesia. Nestes últimos dez anos tem sido um crescendo para fazer da nossa escola uma escola mais verde.»

### Madeira lidera

A EB Alto dos Moinhos é uma das 62 escolas inscritas e 56 galeardoadas com a bandeira verde do programa Eco-Escolas no concelho de Sintra no ano letivo 2018-2019. A nível nacional, já em 2019-2020, os estabelecimentos de ensino inscritos no programa são 1911 – mais 187 do que no ano letivo anterior. Ainda segundo os dados fornecidos pela coordenação nacional do programa, a taxa média de implementação é de 21% – grosso modo pode dizer-se que uma em cada cinco escolas do país faz parte da rede Eco-Escolas. Neste aspeto, o grande destaque vai para a Região Autónoma (RA) da Madeira, onde mais de dois terços (134) dos 201 estabelecimentos de ensino do arquipélago estão inscritos no programa Eco-Escolas. O *top 3* nacional fica completo com a RA dos Açores e o distrito de Coimbra, respetivamente com uns distantes 27% e 26% de escolas inscritas.

«A Madeira é um caso *sui generis* e tem vários fatores», revela Margarida Gomes, a coordenadora nacional do programa Eco-Escolas. «A Secretária Regional do Ambiente da Madeira teve durante 11 anos na coordenação do projeto alguém que conhecia a realidade das escolas e as escolas reconhecem isso. O acompanhamento era muito estreito e há empenho político, dos municípios e do governo regional. É a razão do sucesso na Madeira», conclui.



Margarida Gomes.

No extremo oposto estão vários distritos do interior do país. Vila Real (10%), Guarda (9%) e Viseu (8%) são os que têm a mais baixa taxa de implementação a nível nacional. Margarida Gomes diz que «é o preço da interioridade, porque a informação demora mais a chegar, os processos são de facto mais lentos», mas também lamenta que os municípios não estejam tão envolvidos no apoio às escolas, por exemplo, ajudando a pagar a inscrição no programa (70 € por ano). No entanto, a líder do Eco-Escolas espera poder combater os números com proximidade. «Esperemos que funcione. Vamos fazer o próximo Seminário Nacional [anual] em Viseu.»

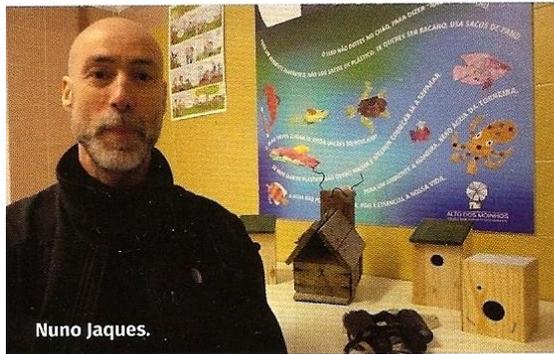
Quanto a Lisboa e Porto, destacados no número de estabelecimentos de ensino que têm (1714 e 1326, respetivamente), veem apenas um quinto deles a aderir ao programa. Apesar de serem os distritos onde maior adesão se verificou nas ações de rua das greves climáticas estudantis de 2019, atualmente a taxa de adesão ao Eco-Escolas é de 20% em Lisboa e 21% no Porto.

As greves climáticas e o recente maior envolvimento dos jovens com o tema são do agrado da coordenadora do programa Eco-Escolas, porque fortalecem a ligação dos estudantes à causa ecológica, mas Margarida Gomes lembra que «nós já andamos a fazer isto há 20 anos. Não é de agora. E o que

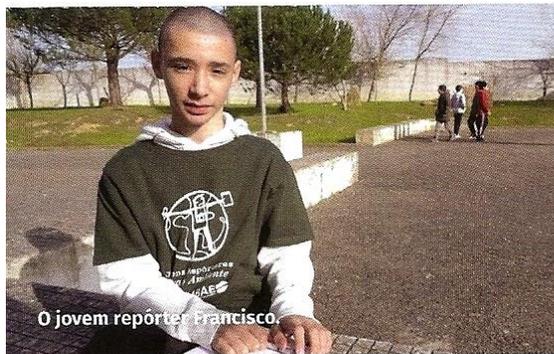
O programa internacional «Jovens Repórteres para o Ambiente», integrado no Eco-Escolas, incentiva jovens entre 11 e os 25 anos a investigar e publicar informação sobre o ambiente.



Maria da Conceição Marques.



Nuno Jaques.



O jovem repórter Francisco.

queremos é que nesses dias de greve [os alunos] mostrem o que é que fazem. Esses movimentos são o corolário da defesa e da promoção da cidadania. Nós apoiamos, aconselhamos as escolas a colocar a bandeira verde a meia haste nesses dias para mostrar solidariedade, mas que também demonstrem o que fazem. Sempre pela positiva. Quando somos muito pessimistas perante as crianças – “Isto vai tudo desaparecer! Vai ser um terror!” –, elas sentem-se impotentes e já não fazem nada».

A nível global, tudo começou na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, em junho de 1992, no Rio de Janeiro. Portugal entrou em 1996. Margarida Gomes espera conseguir manter um objetivo de sempre: 100 novas escolas a aderir anualmente.

Voltamos à Terrugem só para um apontamento final, porque boa parte da reportagem no local foi acompanhada... por outro repórter. O Francisco tem 13 anos, desde os nove que é delegado ambiental e agora faz parte do programa internacional «Jovens Repórteres para o Ambiente» (JRA), integrado também no Eco-Escolas. As reportagens sobre o ambiente que vai ler, ver e ouvir no futuro poderão muito bem ser feitas por estes futuros jornalistas, como o Francisco. Alguns dos trabalhos até já estão publicados na página [jra.abae.pt](http://jra.abae.pt). **fc**

## Hortas pedagógicas atraem alunos

Entre 17 e 19 de janeiro, decorreu em Lisboa o seminário anual com professores e representantes autárquicos envolvidos no programa Eco-Escolas. Altura em que ouvimos vários docentes de todo o país acerca das atividades que mais entusiasma os eco-estudantes. A possibilidade de «pôr as mãos na terra» das hortas pedagógicas é o que mais atrai os alunos, mas também a recolha de lixo nas escolas e nas praias, concursos de recolha de tampas, a criação de “depositrões” e até «auditorias [de estudantes] a empresas locais ao nível de cuidados com os resíduos» são atividades do programa Eco-Escolas que têm tido sucesso de norte a sul e também nas ilhas. O próximo seminário Eco-Escolas, em 2021, vai acontecer em Viseu.



Carolina e Lara.